

BARROCO MINEIRO VISTO DE PRAGA

Prof. Dilen Fluffer

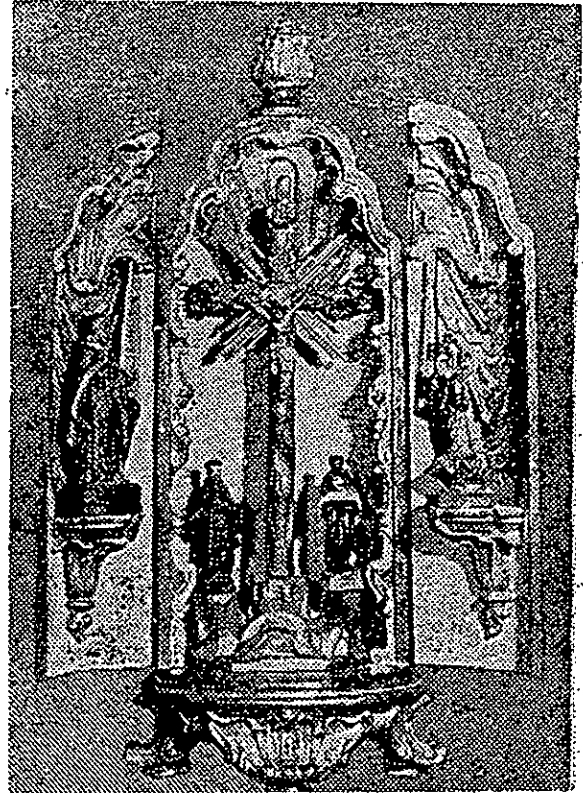
Estas considerações estão sendo escritas em ambiente barroco, na sala de estar do «Pouso Chico Reis em Ouro Preto. A decoração do escrever repousa sobre mesa barroca, estátuas e candelabros barrocos cercam a mesa, e das janelas telhadas barrocos e torres barrocas aparecem contrastando com colinas de linhas puras e simples. Soria pois o ambiente ideal para uma tentativa de reduzir fenomenologicamente a vivência e desvendar a essência do barroco. No entanto a mente de quem escreve isto é, mente informada por um barroco diferente: o de Praga. Seria para ela tarefa penosa a de querer libertar-se dos seus preconceitos. Não fará a tentativa. Não procurará ingenuidade ante o fenômeno Ouro Preto. Permitirá, pelo contrário, que os dois barrocos, (o externo mineiro e o interno praguense) se choquem. O choque será o tema deste ensaio. E esse choque é vivenciado como sensação de mal-estar intelectual que se intensifica com toda nova igreja visitada. Algo está desafinado aqui em Ouro Preto, algo está profundamente errado. E essa desconsonância fundamental resulta, absurdamente, em beleza. Que é isto?

A Reforma e a Contra-Reforma dilaceraram, durante trinta anos sangrentos, o corpo da Europa. A tentativa gigantesca de enquadrar a fé medieval dentro da cosmologia moderna resultou em Yracassô e desespero. Fanatismo e superstição substituíam a fé, e racionalismo e intelectualismo extremado substituíam a busca aventureira renascentista. O caminho da salvação estava barrado pelos argumentos de uma razão formalista e geometrizar, e o caminho que demanda a natureza estava barrado pela mentalidade mística e mistificadora que transformava astronomia e em astrologia e física em feitiço. Nesse ambiente torturado e tortuoso triunfava o estilo de vida e do pensamento que chamamos barroco. E' ele a articulação de uma recusa do homem ocidental em aceitar o dado fundamental da Idade Moderna: o interesse pelo mundo imanente, o humanismo, o salto a fé no transcendente e tilra à vida o seu derradeiro significado. O barroco é um fazer de conta que isto não é verdade. Que a fé pode ser forçada intelectualmente. Que a graça pode ser alcançada pela geometria. Que a ciência é um método pelo qual a verdade é revelada discursivamente. Que o rigor da razão conduziria ao conhecimento absoluto, e que este coincidiria com a felicidade religiosa. Em suma: o barroco é a ficção do intelecto fantasiado em si. E' neste reside a sua atração, bela e perigosa: a ilusão imortal da fé medieval evaporou-se irremediavelmente, mas o intelecto assume a máscara da alma e representa o seu papel no palco do Ocidente. O barroco é o teatro intelectual que representa a fé no transcendente. Pois tudo faz parte desta tes-

carregados de enfeites que se cancelam mutuamente. As igrejas de Ouro Preto procuram distrair o intelecto para evitar o confronto com uma verdadeira religiosidade e parecem ser portanto, «prima facie», tipicamente barrocas.

Mas uma segunda e terceira contemplação desmente a primeira impressão e causa aquela sensação de mal-estar da qual falei no início deste ensaio. Estas estátuas não são obras de mentes desencantadas. Não são resultado do intelectualismo cansado em procura da ilusão de ingenuidade. São algo inteiramente diferente, algo grotescamente diferente. Com efeito, são algo tão grotesco que não poderíamos crê-lo, não estivessem essas igrejas aqui para prová-lo. Definirei o que são as igrejas do barroco mineiro da seguinte maneira: são obras de mentalidades ingênuas que copiam obras de mentalidades decadentes que, por sua vez, procuram a ilusão de ingenuidade. As igrejas mineiras são monumentos que festejam uma ingenuidade autêntica com uma técnica inautêntica que lhes é estranha. São aparentemente pecaminosas, mas fundamentalmente puras. Os pecados do espírito que fizeram do barroco o estilo diabólico que é, não podem ser nem imaginados, e muito menos praticados, pelos artistas mineiros. O que estas artistas fazem é copiar, ingenuamente, os truques diabólicos do barroco europeu, sem talvez desconfiar da sua infernalidade. O resultado é este: igrejas aparentemente pecaminosas e corruptas, mas na realidade piás e castas. E isto deixa o intelecto profundamente perturbado. Porque prova a limitação do intelecto. O barroco mineiro prova que o intelecto é apenas leve verniz, mesmo quando mascarado em alma, e que a verdadeira alma pode reduzi-lo ao ridículo e ao absurdo. O barroco mineiro prova o ridículo e o absurdo do barroco europeu.

Os artistas mineiros, e mais especialmente o Aleijadinho, são amadores do virtuosismo. Provam, pelas suas imperfeições de amadores, o vazio e o pomposo do virtuosismo. Amadores tendem para o exagero. Mas o barroco, quando exagerado mesmo imperceptivelmente, torna-se caricatura. Com efeito, o barroco é, todo ele, uma «tour de forces» de gestos que evitam o ridículo graças ao seu extremo virtuosismo e perfeccionismo. Pois em Ouro Preto não há virtuosismo extremo. Os gestos barrocos são aqui exagerados grotescamente. Anjo empurra anjo num trânsito angelical em redor dos altares que lembra o «rush» paulistano. A procura de santidade é tal que assistimos, praticamente em todo altar, a uma inflação de santos. Os gestos de cada santo individual são inteiramente teatrais, mas dada a explosão demográfica de santos esses gestos se transformam em diálogos entre surdos, (ou melhor: entre cegos). A pedra sabão é material



ORATÓRIO DE VIAGEM — Madeira entalhada e policromada — Proveniente de Paracatu, Minas — Século XVIII.

O crucifixo no quarto noturno

Não Aparecida Pinto

(Forjei o ferro para transpassá-Lo?
Urdiram minhas mãos esse Espinheiro?
Trancei as cordas? Repeti o estalo?
Insinuei às traves o Letreiro?)

— Então, Senhor, se enbôlto no Teu hale
o dia brota azul do candieiro,
devo supor a objeção do galo
que mais conhece o que feriu primeiro?
— Senhor, não mais alongues minha noite.
Nunca sabes da paz, tardio embalo?
Despede o centurião com seu cavalo.
Expulsa o fariseu com seu açoite.
Ó Deus insone sobre tantos cravos,
já não Te basta a esponja dos agravos?

ESPAÇO E AVIAÇÃO

Vôo parado têm paisagem móvel

Os técnicos da General Precision Systems Limited, da Inglaterra, estão planejando, como novo método de estudo das características do «Concorde» — avião supersônico anglo-francês — um vôo simulado, durante o qual o piloto, no interior do aparelho desligado, observa a paisagem, exatamente como se deu durante o vôo.

to. E tudo é gesto calculado e premeditado. Não há estilo me- zos espontâneo e mais cerimo- nioso que o barroco. Sente-se ao passar-se pelas ruas de uma cidade barroca neste sentido do termo, (pelas ruas de Praga), que tudo é pretensão, é ficção, é cenário, embora cenário grandiosamente belo. Os tetos são, com efeito, os edifícios mais ca- racterísticos, mas o caráter tea- tral resalta ainda mais nos pa- lácios e nas igrejas. As colunas poderosas de mármore que se retorcem debaixo de uma peso supostamente excessivo na ca- carregam. Os atlantes de mus- culos salientes que se curvam em esforços atléticos suportam globos ócos. Os anjinhos que de- saíam a gravidade nos seus vóos ao redor dos altares encossem nas asas os fios que os seguram. Os santos nos nichos das igre- jas são obviamente atores que representam magistralmente o papel de santos. E nessas está- tuas não sorvemos a santidade, mas admiramos a habilidade do ator, do produtor e do encena- dor da santidade. Admiramos a perfeição com a qual a intenção imita a alma. Admiramos a ca- pacidade do intelecto, (do nosso próprio intelecto em última ana- lise), de substituir a ingenua fé do gótico perdido. E sentimos intimamente, com um frisson secreto, que tudo isto é pecami- noso. Há um doce aroma de cor- rução e decadência em todo o barroco. As linhas tortas e in- volutas, a complexidade apren- temente confusa mas estrutural- mente clara e geométrica são prova desse frisson não confes- sado. A linha simples e reta, a que demanda góticamente o céu, já não é mais viável. O intelecto se torce barroicamente em gesto estéril e fechado. O barro- co é o estilo de uma cultura tardia. É o estilo de uma socie- dade que procura na ilusão a realidade perdida, e o faz deli- beradamente. Esta é a beleza do barroco. É a beleza do pecado.

E o barroco mineiro? Um pas- selo pelas ruas de Ouro Preto certamente não transmitirá a sensação de decadência e de cul- tura tardia. São ruas bucólicas e ingenuas, e as fachadas das casas são de um primitivismo encantador, muito embora a arti- ficialidade dessa ingenuidade e desse primitivismo possa ser vi- scionada. Ouro Preto é conser- vado artificialmente, como o são os leões e as girafas da África, e os índios nos Estados Unidos. Essa artificialidade é o tributo que devemos pagar, nós do sé- culo 20, pelo chamado progresso. Mas essa artificialidade é nossa, é do século 20, e não do barro- co mineiro. As ruas de Ouro Preto eram bucólicas, ingenuas e primitivas no seu tempo. Não eram barrocas no significado do termo empregado neste ensaio. As igrejas do Ouro Preto, no en- tanto, são diferentes. Superfi- cialmente, «prima facie», são co- mo as igrejas barrocas de Praga. Aparentemente ostentam as suas fachadas as mesmas linhas tortas e involutas, com apenas varia- ções que podem ser atribuídas às diferenças regionais e de clima. As suas estátuas são, aparente- mente, irmãs dos atlantes, dos santos e dos anjinhos de Praga, embora irmãs mais modestas. Os mantos dos santos caem em do- bras pelo menos igualmente com- plexas, as suas mãos se curvam em gestos pelo menos igualmente dramáticos, e os altares são provavelmente ainda mais sobre-

peis qualidades esculturais das es- tátuas e estas superam portanto as suas semelhantes europeias em efeitos ilusionistas. A made- ira empregada nos altares é recoberta de ouro com uma or- tentação de nouveauriche que deixa para trás toda a pompa do ceremonial habsburgiano. O efeito dessas igrejas, caricaturas do barroco que são, deveria por- tanto ser extremamente cômico e provocar gargalhadas. Mas não é o que acontece. Pelo contrá- rio, essas igrejas, embora causem mal-estar intelectual, comovem. E nesse espírito a nossa simpatia misturada com má consciência reside a beleza do barroco mi- neiro.

Imaginemos que encontramos em plena rua um rei, com mán- to, coroa, cetro e espada. Sabemos que não pode ser rei, por- que reis não andam pela rua. Mas este rei que encontramos anda com uma majestade tão grandiosa, e seus gestos são tão dignos e belos, que não podemos senão render-lhe as nossas ho- menagens. Será o nosso encou- tro com o barroco pragueense. Imaginemos agora que esse rei que encontramos tem três coróas, uma posta sobre a outra, e todas elas um pouco tortas. Imaginemos que tem um cetro de três metros de altura, e que o seu manto está rasgado. E imaginemos que a rua pela qual passa é uma rua do interior mineiro. Já estamos prontos a explodir em gargalhada. Mas, repentinamente, descobrimos que se trata de um rei de verdade. Um rei fantasiado em rei, mas um rei verdadeira e despeito disto. Teremos encontrado o barroco mineiro.

A majestade da autenticidade resplandece nas obras mineiras justamente pelo seu exágro. Virtu- tosismo exagerado grotesca- mente é ingenuidade. Vinte sete santos competindo são sintoma de fé na santidade. Há um ele- mento africano nessa opulência de formas e afirmações religio- sas. Talvez não são tanto tem- plos cristãos quanto pagãos essas igrejas. Talvez seja a piedade tropical, telúrica e fetichista. Talvez se já a majestade das obras a de Chico Rei, o cacique destronado, que reconstrói seu reino africano em Ouro Preto, e não a de um rei cristão do Ocidente. E nisto creio encon- traremos a chave do mistério do barroco mineiro.

O fim do barroco ocidental coincide com a descoberta de ouro nas Minas Gerais brasilei- ras. Coincide, portanto, com a concentração de portugueses e negros em terras neutras ameri- canas. Os portugueses são os portadores do pensamento barro- co exausto, pronto a diluir-se no iluminismo rococó e a superar- se no criticismo. Os negros são os depositários da vivência lme- morial e concreta da sacralida- de da natureza. Há uma seme- lhança superficial nessas duas formas tão radicalmente dife- rentes de pensamento e vida. A semelhança é esta: O barroco ocidental, em sua pose teatral, finge uma vitalidade luxuriante que lembra o fetichismo. A semelhança é fortuita e sem signifi- cado real no contexto europeu. Mas em terras do Brasil essa semelhança se torna pretexto para uma realização artística au- tência, uma realização digamos mulata. Tendo por pano de fun- do as terras virgens cuja goela vomita o ouro, o ouro que im- pulsiona a atividade das duas

especial filmará a faixa de paisagem vista do ângulo visual do piloto. Esta será, posteriormente, projetada em tela colo- cada à frente do aparelho dentro do qual o piloto poderá, sem as preocupações normais do comando, observar, em cores e iluminada de luz fluorescente, as manobras, as rotas de aproximação a grande altitude.

GALERIA ESPACIAL

«No ano 2000 o homem es- tará presente na Lua, em Marte e em Vênus, e o ar- tista já sente e exprime es- tas novas conquistas huma- nas.» A frase é do diretor da mais nova galeria de arte de São Paulo, a Galeria 4 Fla- netas, que, assim, justifica o estranho título. A nova gale- ria está expondo aquarelas inéditas de Sanson Flexor.

MINUTEMAN III

Está oficialmente adotado o nome de Minuteman-III, pa- ra os futuros Muniteman, atualmente em fase de aper- feiçoamento. O acréscimo é

raças exóticas, surge aqui em Ouro Preto um estilo de vida que toma a forma barroca por capa protetora de uma reformu- lação da crença africana. O barroco mineiro é a desculpa pela adaptação da religiosidade ari- cana à escravidão portuguesa. O barroco engana os censores se- culares e clericais, e permite um desenvolvimento da mentalidade negra. E simultaneamente torna o barroco assimilável essa men- talidade à cultura branca. As igrejas barrocas de Ouro Preto são obras de assimilação de duas raças sob pretexto barroco. O barroco é pretexto, é a assimila- ção é autêntica e produtiva. Dele surgirá uma cultura nova.

Mas se fôrmos a contemplar o barroco mineiro deste ângulo, ve- rificaremos que afinal não é tão diferente o caráter do barroco mineiro e do pragueense. Ambos são pretensões, são ficções, são poses. Apenas as suas funções são diferentes. O barroco euro- peu finge ser religioso, quando na realidade já representa o primeiro passo decisivo em dire- ção do iluminismo. O barroco mineiro finge ser barroco euro- peu, quando na realidade repre- senta o primeiro passo decisivo em direção de uma nova cultu- ra, a saber a brasileira. É um visitante cuja mentalidade foi formada por Praga pode, afinal, superar o seu mal-estar primiti- va pela meditação seguinte: o que choca em Ouro Preto, esses exágeros bárbaros todos, essa pretensão de uma pretensão to- da, não é sintoma de falsidade, mas é, pelo contrário, sintoma de uma superação do barroco. No barroco mineiro realiza-se, produtivamente, o barroco euro- peu. De certa maneira, de uma maneira «barroca», é o barroco mineiro o autêntico barroco. Quando as igrejas de Ouro Preto erguem as suas torres contra o céu exótico, já deixaram na Eu- ropa de ser construídas. O barroco europeu já cedeu lugar a outros estilos, quando flores- ce o barroco mineiro. Mas esse florescimento retardado é o ver- dadeiro florescimento. O espiri- to barroco encontrou no Brasil o seu habitat apropriado. A despeito dos positivismos e ou- tros ismos posteriores será o Brasil sempre uma terra barro- ca. É esta a sensação que uma visita mediativa a Ouro Preto provoca.

em razão dos grandes melho- ramentos já introduzidos no aparelho, de tal modo se jus- tificou a idéia de que os novos Minuteman são, na rea- lidade, um novo engenho.

RAF SUBSTITUI AVIAO VELHO

O Shackleton, modelo ve- terano da Real Força Inglêsa, funcionará apenas ate 1969, a partir de quando será substituído pelo novo avião de reconhecimento marítimo Hawker Siddeley 801, que é movido por quatro motores Rolls Roy Spey e poderá cou- duzir os últimos tipos de ajuda- das de detecção e sistemas de armamentos. Com velocidade de até 982 quilômetros por hora, o Hawker poderá atin- gir rapidamente a área de busca, podendo, então, desl- gar um dos seus motores e operar em velocidade redu- zida.

PRINCIPE PHILIP GANHA AVIAO COM PERSONALIDADE

Após almoço que lhe foi oferecido pelo prefeito de Dallas, durante sua recente visita de dez dias aos Estados Unidos, o príncipe Philip recebeu de lembrança, das mãos de Shari Kerkc- ve, aeromoça da Braniff, a miniatura de um BAC-1-11, pintado com as cores do mo- delo original, que é o atual «new look» da Braniff Inter- national. A miniatura ofere- cida ao príncipe foi utilizada na recente campanha da em- presa para o lançamento do BAC-1-11, cujo «slogan» foi «Acabou-se o avião sem per- sonalidade.»

BOEING BATE RECORDE DE BOEING

Um recorde de utilização mensal para todos os Boeings do mundo, foi estabelecido na marca de 15 horas e 45 mi- nutos diários, por um Boeing 707-320C, no último mês de janeiro. O aparelho pertence à frota da Continental Air lines.

Uma armadura composta de grandes escamas — que seriam a de uma lagosta — servirá de proteção aos tri- pulantes da nave Apolo, com que os Estados Unidos pretendem explorar a Lua, contra o perigo da gravida- de «G», que é a gravidade exercida em todos os senti- dos, no interior da nave es- pacial.

A gravidade em todos os sentidos é um fenômeno tí- picamente astronáutico, pro- vocado pela hipervelocidade com que são executadas as operações espaciais de lan- çamento e retorno à atmos- fera.